

O Grupo de Apoio à Prevenção à Aids da Bahia (Gapa-Bahia) e a sua relação com a cooperação internacional: de receptor da ajuda do Norte a socializador de ‘expertise’ para o Sul

El Grupo de Apoyo a la Prevención del Sida de Bahia (Gapa-Bahia) y su relación con la cooperación internacional: de receptor de ayuda del Norte a socializador de ‘expertise’ para el Sur.

The Support Group for Prevention of HIV in Bahia (Gapa-Bahia) and its relationship with international cooperation: of the North aid receiver to the socializing expertise for the South

TACILLA DA COSTA E SÁ SIQUEIRA SANTOS*



* Tacilla da Costa e Sá Siqueira Santos é pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal da Bahia / Pesquisadora do Laboratório de Política Mundial (Labmundo). Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia (2014), possui Mestrado Acadêmico em Administração pela mesma universidade (2005) e Graduação em Comunicação Social pela Universidade Católica do Salvador (1997). Tem vasta experiência profissional junto a organizações da sociedade civil, com as quais atua desde 1996 (tacillasiqueira@yahoo.com.br).

PALABRAS CLAVE

Gapa-Bahia; Cooperación internacional para el desarrollo; La cooperación Sur-Sur; Organizaciones de la sociedad civil.

RESUMEN Este artículo presenta un estudio sobre el Grupo de Apoyo a la Prevención del Sida de Bahía (Gapa-Bahia) y su relación con la cooperación internacional, evaluando el impacto de los cambios de esta última en la organización bahiana. Al mirar analíticamente la trayectoria que entrelaza el Gapa-Bahia a la cooperación internacional, se busca comprender en qué medida las (re) configuraciones de esta cooperación implican la asunción de nuevos roles por el Gapa-Bahia.

KEYWORDS

Gapa-Bahia; International cooperation for development; South-South Cooperation; Civil society organizations.

ABSTRACT This article presents a study of the Support Group for Prevention of HIV in Bahia and its relationship with international cooperation, discussing the impact of changes in the organization's path. Analyzing the trajectory that intertwines Gapa-Bahia to international cooperation, one tries to understand in which way (re)configurations of the international cooperation applies an assumption of new roles by the Organization.

PALAVRAS-CHAVE

Gapa-Bahia; Cooperação Internacional para o Desenvolvimento; Cooperação Sul-Sul; Organizações da Sociedade Civil.

RESUMO Este artigo apresenta um estudo sobre o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids da Bahia e a sua relação com a cooperação internacional, colocando em discussão os impactos das mudanças desta última nos rumos da Organização. Ao olhar analiticamente para a trajetória que entrelaça o Gapa-Bahia à cooperação internacional, tenta-se compreender em que medida as (re)configurações desta última, implicam a assunção de novos papéis pela Organização.

Introdução

Os caminhos percorridos pela cooperação internacional para o desenvolvimento (CID) marcaram profundamente a sociedade civil organizada do Brasil. Muitas organizações (especialmente aquelas que, tradicionalmente, atuaram na perspectiva da defesa de direitos ou que tinham atuação no Nordeste brasileiro) foram, ao menos em algum momento da sua trajetória, apoiadas e, conseqüentemente,

impactadas pelas agências de cooperação internacional de países do Norte. O Grupo de Apoio à Prevenção à Aids da Bahia (Gapa-Bahia) é uma destas organizações, cuja história carrega arraigadas em si as marcas da cooperação Norte-Sul. Para o Gapa-Bahia a relação construída com a cooperação internacional foi de fundamental importância para fazer da Organização parte constituinte de um grupo cuja atuação contribuiu, efetivamente, para fazer da resposta brasileira à epidemia de Aids¹ um exemplo mundial.

Fundado em 1988, o Gapa-Bahia foi criado como uma “sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por finalidade o estudo, difusão de informações e realização de atos que promovam a prevenção da síndrome da imunodeficiência adquirida (Aids) e melhora na assistência prestada às vítimas da citada síndrome” (Gapa-Bahia, 1988: 1). Reconhecida como uma das mais importantes organizações não governamentais (ONG) atuantes no campo da Aids no Brasil, o Gapa-Bahia tem como palavra de ordem “Educar o mundo a viver com Aids”, ideia que reflete a sua estratégia central de ação: perceber e socializar a ideia de que o mundo inteiro vive com a Aids, já que, direta ou indiretamente, todos somos afetados por seus efeitos, sejam individuais ou coletivos (Gapa-Bahia, 2003).

A vinculação à cooperação internacional do Norte se tornou uma marca presente nos caminhos trilhados pelo Gapa-Bahia ao longo dos anos. Os apontes, anúncios e mudanças da cooperação determinaram muitas das opções feitas, que findaram por impactar na configuração do que a Organização foi se tornando. Seja motivado pela busca da sobrevivência econômico-financeira, garantida em grande parte pelos aportes da cooperação internacional, ou pela crença nos modelos ressaltados pelo Norte, o Gapa-Bahia acabou, de um modo geral, acolhendo as indicações feitas, em cujas pautas constavam investimentos em ferramentas e capacitações no âmbito da gestão organizacional; mobilização da sociedade brasileira para contribuição; e construção de si mesmo enquanto um referente técnico tanto no campo da gestão quanto no campo do HIV/Aids.

Seguindo este caminho, ao tempo em que executava as suas ações de combate e prevenção ao HIV/Aids, o Gapa-Bahia investiu no desenvolvimento de uma *expertise* própria, buscando capacitar-se tanto no âmbito específico da epidemia da Aids e suas questões correlatas quanto nas questões relacionadas à gestão, tornando-se uma organização de referência e consolidando-se como socializador de saberes e experiências próprios. Este processo, assim como tantos outros que fizeram ou fazem parte da trajetória da Organização, se deve, em grande parte, às provocações, ao apoio, ou quiçá, às determinações das agências da cooperação internacional com as quais se entrelaça a sua história.

1 A resposta brasileira à epidemia de Aids iniciou-se, de forma efetiva, no século XX, a partir do final da década de 80, com a construção coletiva de uma política nacional para o enfrentamento das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e da Aids, tendo como principais atores a sociedade civil e a organização de pessoas vivendo com HIV/Aids. As primeiras respostas governamentais e as não governamentais foram quase simultâneas. Oficialmente, registrou-se o primeiro programa de Aids, em 1983, enquanto que a primeira ONG criada para dar respostas à epidemia —o Gapa-São Paulo— surgiu em 1985 (Siqueira Santos, 2005).

A construção da relação com as agências da cooperação internacional do Eixo Norte

O encontro do Gapa-Bahia com a cooperação internacional do Norte ocorreu em 1989, ocasião na qual recebeu os primeiros recursos provenientes de um financiamento a projeto, através do apoio da Oxfam-UK, que lhe possibilitou instalar-se em uma sede e remunerar seus primeiros funcionários, dando início a um processo de institucionalização e profissionalização de suas ações que passaram a ser reconhecidas e demandadas pela sociedade. Estabelecia-se, então, a primeira das muitas relações construídas entre o Gapa-Bahia e as organizações da CID, que se tornaram suas principais apoiadoras e fonte fundamental de recursos para a execução dos seus projetos. Segundo Harley Henriques do Nascimento (2013)², o encontro com a cooperação internacional que possuía um modelo de trabalho no Brasil *mais voltado ao desenvolvimento ao invés de uma cooperação mais assistencialista*, foi fundamental para a consolidação do trabalho do Gapa-Bahia.

Ciente da importância da sua inter-relação com as agências de cooperação, e dos recursos que estas tinham para investir nos projetos sociais do Brasil, o Gapa-Bahia buscou se aproximar cada vez mais destes atores. No entanto, deparou-se com o desafio da delimitação temática de atuação da cooperação, que não priorizava nesta época o trabalho no campo da saúde, e cuja maioria de agências não tinha o HIV/Aids em sua pauta de prioridades temáticas. Obstinado com a ideia de ter a cooperação internacional como parceira estratégica, o Gapa-Bahia partiu em busca de caminhos que vinculassem a sua atuação aos interesses de investimento da cooperação. Neste sentido, concebeu e apresentou projetos que trabalhavam com temas possíveis de serem correlacionados aos focos de atuação de cada uma das agências de cooperação mobilizadas e, ao mesmo tempo, à causa da Aids, incorporando na sua prática temas que constituíam as prioridades de intervenção da cooperação internacional na época.

O confronto com as exigências temáticas da cooperação e a determinação pela busca de sua parceria, fizeram com que o Gapa-Bahia se reestruturasse e direcionasse suas atenções para temas antes tidos como transversais ou secundários tais como gênero, apoio comunitário, arte-educação, direitos humanos, suporte a populações vulneráveis e juventude, incluindo-os na sua agenda de atuação. Moldou-se assim uma característica que marca a trajetória da Organização desde então: o trabalho com o HIV/Aids associado a outros campos e temáticas. (Nascimento, 2007: 156-157). Percebe-se, nessa perspectiva, o impacto da relação com a cooperação internacional na conformação da Organização desde os seus primórdios, com a adaptação dos seus projetos às temáticas priorizadas pelas agendas das agências, com o intuito de efetivar as relações de apoio.

Com um perfil organizacional e de atuação já marcado pelas consequências dos ajustes feitos em função da busca pela parceria da cooperação internacional, o Gapa-Bahia viu

2 Fundador e Coordenador Geral do Gapa-Bahia. Entrevista concedida a autora em 2013.

a sua relação com essas agências entrar em um movimento crescente. A Organização que havia iniciado o ano de 1992 apenas com a Oxfam como contraparte termina este mesmo ano com mais cinco agências de cooperação, de diferentes regiões da Europa, financiando os seus projetos e chega, em 1994, a ter quatorze agências como parceiras/financiadoras, superando, nesta perspectiva, todas as OSC que atuavam no campo da Aids no Brasil (Siqueira Santos, 2005).

A década de 90, no entanto, ainda não havia terminado e apontavam novos desafios com os quais o Gapa-Bahia, inevitavelmente, se deparou. Iniciavam-se naquele momento mudanças na cooperação internacional cujas agências passavam por redefinições diversas que incluíam um repensar das suas políticas estratégicas de apoio. Assim, algumas agências da cooperação internacional não governamental, especialmente as escandinavas, deixaram de atuar no Brasil, pautando as suas decisões nos bons índices macroeconômicos do país e na consolidação da democracia. Migraram, nesta perspectiva, as suas atenções e recursos para o Leste Europeu e a África.

A essa altura o crescimento do Gapa-Bahia já era significativo, mas a Organização dependia quase exclusivamente de recursos da cooperação, ainda que provenientes de agências variadas. Em 1994, com o início do novo plano econômico brasileiro —o Plano Real— percebeu-se que a dependência dos recursos internacionais era extremamente arriscada. Todos os projetos do Gapa-Bahia enviados para as agências de cooperação eram orçados em dólares, mas os recursos chegavam em reais, moeda que, nesse momento, estava supervalorizada, em contraposição à americana, que era a base orçamentária destes projetos. Desta forma, a receita resultava menor do que os gastos, o que levou a Organização a perceber a fragilidade e o risco que havia em depender da cooperação internacional como única fonte de recursos.

A convergência de fatores que incluíam uma crise da cooperação, o advento Plano Real, e a dependência quase exclusiva dos recursos internacionais agora menos valorados em relação à moeda local, levaram o Gapa-Bahia a realizar uma série de mudanças, a maior delas relacionada ao investimento em ações de mobilização de recursos junto a indivíduos e empresas brasileiras. Havia, neste momento, um movimento forte das agências de cooperação para que as OSC brasileiras fortalecessem dimensões relacionadas à sua gestão, e que buscassem recursos dentro do próprio país. Nesta perspectiva, houve um investimento significativo de algumas agências em capacitações no âmbito do desenvolvimento institucional do Gapa-Bahia e na mobilização de recursos locais, o que já indicava o prenúncio de mais cortes dos apoios despendidos e da incorporação de um novo formato de relacionamento.

Configura-se aí uma alteração na dinâmica da Organização que, mais uma vez, muda a sua lógica de atuação em função das demandas da cooperação internacional. Assume, nesta perspectiva, uma atuação cada vez mais voltada a aspectos que não convergiam diretamente com a sua militância política ou sua atuação direta no âmbito da causa da Aids. Com receio da perda dos recursos da cooperação, que indicava o encerramento

ou diminuição das parcerias no Brasil, e diante da pressão das agências por um fortalecimento no campo da gestão, o Gapa-Bahia começa a construir um caminho cada vez mais voltado para a sua dimensão técnica. Todo este processo de capacitação e profissionalização, no entanto, culminou em uma identificação, pelos parceiros da cooperação e pela própria Organização, de que fora construído um saber que poderia ser socializado de modo a fortalecer outras OSC e gerar recursos para o Gapa-Bahia.

A socialização de práticas e ‘expertise’ e a triangulação cooperativa para o Sul

Os intensivos investimentos na direção da capacitação e sistematização de práticas relativas à gestão e ao aperfeiçoamento de seu trabalho de metodologias na área de educação em saúde, fez com que o Gapa-Bahia acumulasse uma vasta experiência, sendo reconhecido como uma referência no que concerne a essas temáticas. A percepção de alguns dos seus parceiros de que a Organização estava preparada para retransmitir esses conhecimentos e experiências deu início a um novo ciclo na vida da Organização, que passou a assumir, também, o papel de socializador de práticas e *expertise* para outras organizações. A primeira destas “provocações” foi feita pela Oxfam em 1998, com o convite para que sistematizasse o saber apreendido no âmbito da mobilização de recursos locais e o socializasse para suas contrapartes no Brasil.

Tem início com essa experiência a atuação do Gapa-Bahia no campo da sistematização e socialização de saberes, tendo como “demandantes”, inicialmente, as agências da cooperação e, mais adiante, também o governo³ e as OSC brasileiras. Deste modo, a socialização de práticas e *expertise* passou a ser vista pelo Gapa-Bahia não somente como uma estratégia de fortalecimento dos seus pares da sociedade civil organizada ou de difusão de questões relacionadas à causa da Aids, mas, também, como uma estratégia viável para a mobilização de recursos que contribuíssem para a sua própria sustentabilidade⁴. O diferencial do Gapa-Bahia neste campo consistia, conforme fala

- 3 Uma das experiências que, de certo modo, resultou desse processo consistiu na ação conjunta entre o Gapa-Bahia e professores da FGV-SP, contratados pelo Ministério da Saúde para a realização de um programa de capacitação e monitoramento em ações de gestão e sustentabilidade para 180 OSC com atuação no campo da Aids, no Brasil, além de representantes das coordenações estaduais de programas de DST/Aids. No Programa Nacional de Sustentabilidade de Institucional, lançado em 2000 pelo Ministério da Saúde do Brasil, através da Coordenação Nacional de DST e AIDS, 180 OSC de todas as regiões do país participaram de treinamentos ministrados por professores da FGV-SP e técnicos do Gapa-Bahia. (Siqueira Santos, 2005). Do Programa resultou o livro “Aids e sustentabilidade: sobre as ações das organizações da sociedade civil brasileira” (BRASIL, 2001), que reuniu artigos de diversos autores sobre a temática da sustentabilidade das organizações da sociedade civil.
- 4 Mais informações sobre o Gapa-Bahia e a sua relação com a própria sustentabilidade podem ser encontradas em: Siqueira Santos, Tacilla da Costa e Sá, As diferentes dimensões da sustentabilidade em uma organização da sociedade civil brasileira: o caso do Gapa-Bahia.

de Márcia Marinho⁵, em ter uma equipe bem preparada e capaz de unir a teoria e os aprendizados empíricos.

[...] nós não falamos apenas de ter uma equipe bem preparada do ponto de vista de formações -, somos uma organização que tem uma prática feita na base. Então quando nós exemplificávamos algo, nós tínhamos o que dizer do ponto de vista teórico e o que dizer do ponto de vista prático. E do que deu certo, o que não deu certo. De quais os projetos e reformulações que tivemos que fazer ao longo da nossa história metodológica, instrumental e política para dar conta daquele processo. Então, isto fez muito diferença (Marinho, 2012).

Deste modo, atuando com base no saber teórico e, ao mesmo tempo, com os aprendizados obtidos na prática comunitária, o Gapa-Bahia sistematizou o seu conhecimento e consolidou o seu reconhecimento como *expert* na temática da gestão e da mobilização de recursos, incorporando, ainda, outras temáticas, dentro do seu domínio de saberes e práticas, como possíveis de serem sistematizadas e socializadas. Percebendo os resultados dessa experiência —de colocar o Gapa-Bahia como um ator legítimo na difusão de um saber nesses campos temáticos, saber sistematizado, aplicado e avaliado em sua real eficácia, no âmbito comunitário—, algumas organizações da cooperação solicitaram a sua atuação também em nível internacional junto a outras OSC do Eixo Sul. Iniciava-se, de certa forma, para o Gapa-Bahia, a atuação junto a cooperação internacional, a partir da assunção de um novo papel.

A experiência do Gapa-Bahia com a socialização de *expertise* para outras OSC do Eixo Sul ou de cooperação Sul-Sul (CSS) como define a Organização, tem início no final da década de 90, a convite da Oxfam-UK, para a capacitação da Associação Angolana de Luta contra a Sida, ocorrida em Angola no ano de 1999; e em uma segunda contratação, pela agência de cooperação internacional inglesa *Christian Aid*, para a capacitação das OSC jamaicana —*Jamaican Aids Support* (JAS), ocorrida na Jamaica e no Brasil em 2001 e 2002, e angolana, *Associação Cristã de Jovens*, ocorrida em Angola no ano de 2003. As agências, além de constatarem a capacidade de replicabilidade das práticas e experiências do Gapa-Bahia, compreendiam que as similaridades culturais e sociais entre OSC do Sul seriam elementos facilitadores do aprendizado. Havia, ainda neste momento, uma provocação no sentido de que a Organização deveria ser responsável por socializar um conhecimento que teve a oportunidade de construir —a partir de financiamentos da cooperação do Norte—, no intuito de fortalecer outras organizações do campo.

Assim, em 2004, o Gapa-Bahia recebeu a ONG/Aids jamaicana JAS, para a segunda etapa da capacitação sobre mobilização de recursos e, neste mesmo ano, seus representantes foram novamente a Angola, ministrar capacitação para a Associação Cristã

5 Membro da coordenação Executiva do Gapa-Bahia até 2014. Entrevista concedida a autora em 2013.

de Jovens (ACJ) e mais um conjunto de ONGs locais, nas temáticas de apoio às pessoas vivendo com HIV/Aids e na implantação de programas de direitos humanos e Aids. Houve, ainda, a participação do Gapa-Bahia em um Programa de Intercâmbio entre Gapa-Bahia, JAS e *Christian Aid*, ocasião na qual os participantes debateram e trocaram experiências sobre mobilização de recursos, *lobby e advocacy*, direitos humanos e gênero. Desde então, o Gapa-Bahia vem trabalhando na colaboração com OSC diversas, tanto na implementação e/ou fortalecimento das suas capacidades frente ao HIV/Aids, quanto em questões concernentes a gestão e sustentabilidade.

A demanda proveniente das agências de cooperação interessadas em fortalecer as suas contrapartes, principalmente na África, e a própria realidade de despreparo da sociedade civil organizada trabalhando no campo da Aids nestas regiões, são elementos explicativos da crescente participação do Gapa-Bahia em projetos de transferência e difusão de conhecimentos. Acresce-se a estes fatores, o avanço da epidemia que encontra, na realidade de pobreza destes locais, um campo vasto para a sua expansão, e, não menos importante, o déficit de conhecimento e prática das OSC, de um modo geral, no que concerne ao campo da gestão organizacional. O Gapa-Bahia passou, assim, a desenvolver o papel de socializador de metodologias e experiências, o que o levou a investir na transferência de conhecimentos e práticas no âmbito internacional e a privilegiar a cooperação entre os países do Sul. (Siqueira Santos, 2005). Essa perspectiva de transferência das “tecnologias” sistematizadas para outros contextos, em especial para outros países do Sul, passou a constar no planejamento estratégico institucional como um campo prioritário de atuação.

No que tange ao formato encontrado pelo Gapa-Bahia no âmbito da socialização de práticas e *expertises* para OSC do Eixo Sul, este consiste em uma espécie de “cooperação triangulada” ou, ao menos, é assim definida pela Organização que, normalmente, recebe recursos de uma agência de cooperação internacional do Norte, através de um projeto que objetiva fortalecer uma ou mais organizações parceiras desta mesma agência em algum dos países do Eixo Sul no qual atua, assumindo, nesta perspectiva, o papel de organização “intermediária”, conforme relatam Marinho (2013) e Nascimento (2013).

As primeiras experiências de cooperação Sul-Sul do Gapa surgiram de forma espontânea, numa experiência triangular, sendo sempre uma agência do Norte que financiava, que apoiava o Gapa e, também, financiava a outra organização no Sul; então, duas organizações do Sul e uma organização do Norte com o Gapa sendo a organização que levava a sua experiência, a sua tecnologia para a contraparte do nosso parceiro do Norte (Marinho, 2013).

Iniciamos essas experiências de uma forma triangular onde o desenho sempre era uma agência financiadora, o Gapa e uma outra organização do Sul. Já trabalhamos com a Jamaica, com Angola, com Moçambique, e com países da América Latina e Caribe. Então esse se mostrou um caminho para o Gapa trabalhar: a cooperação Sul-Sul (Nascimento, 2013).

Destaca-se, nessa perspectiva, desde o ano de 2007, o envolvimento do Gapa-Bahia no Programa “Transversalizando HIV/Aids para Organizações da América Latina e Caribe”⁶, no qual assume a função de coordenação executiva, com papel de assessoria técnica, planejamento e implementação das estratégias e atividades, no âmbito dos processos de formação e de monitoramento das OSC participantes, além de responder pela gestão logística e financeira do Programa. A participação da Organização neste Programa é apontada como emblemática no âmbito da consolidação da sua atuação em termos de cooperação Sul-Sul.

O Programa, que se auto define como uma construção coletiva entre doze organizações não governamentais, igrejas e movimentos sociais⁷ localizados em dez países da América Latina e Caribe para o enfrentamento da Epidemia de HIV/Aids, foi implantado a partir de uma demanda da agência de cooperação alemã Pão Para o Mundo⁸. Tendo o Gapa-Bahia como responsável pela sua coordenação executiva, o Programa contempla uma perspectiva de fortalecimento e articulação de sujeitos políticos para que ampliem suas capacidades, conhecimentos, habilidades técnicas e políticas, para, em uma primeira instância, lutar para o controle da Aids, ao tempo que tentam conter as mazelas decorrentes da pobreza e a amplificação de “epidemias” de exclusão⁹ (Gapa-Bahia, 2013).

As organizações e movimentos sociais partícipes do Programa não trabalham diretamente com o HIV/Aids e se diferenciam nos seus modelos organizativos e nas causas que defendem. Em comum partilham o fato de estarem localizadas na América Latina ou Caribe e de serem parceiras da PPM. O formato construído para a realização do Programa, segundo Marinho (2013), o diferencia pelo fato de ter *um ator do Sul produzindo, fomentando e criando conhecimento com outros atores do Sul*. Houve, nesta perspectiva, uma valorização da experiência que, diferente de outras financiadas pela PPM, colocou no papel de gestora do Programa uma OSC do Eixo Sul e não técnicos da agência, ressaltando a importância de se ter um ator da sociedade civil organizada de um país do Eixo Sul como facilitador do processo, em uma compreensão de que o Gapa-Bahia seria um ator legítimo para

6 Mais informações sobre a relação do Gapa-Bahia com a CID, em especial, sobre a sua participação no Programa “Transversalizando HIV/Aids para Organizações da América Latina e Caribe” podem ser encontradas em Siqueira Santos (2014).

7 Participaram do Programa, além do Gapa-Bahia, as seguintes organizações: *Centro de Derechos de Mujeres* (CDM), de Honduras; *Centro Ecuatoriano de Desarrollo y Estudios Alternativos* (CE-DEAL), do Equador; *Consejo de Iglesias de Cuba* (CIC), de Cuba; *Asociación Centro de Mujeres en Masaya* (CMM), da Nicarágua; *Confederación Nacional Agraria* (CNA), do Peru; *Centro Nordeste de Medicina Popular* (CNMP), do Brasil; *Equipo de Mujeres en Acción Solidaria* (EMAS), do México; *Fundación Mujer y Futuro*, da Colômbia; *Asociación Iglesia Luterana Costarricense* (ILCO), da Costa Rica; *Investigación Social y Asesoramiento Legal Potosí* (ISALP), da Bolívia; Ser Mulher: Centro de Estudos e Ação da Mulher Urbana e Rural, do Brasil.

8 *Brot für die Welt* é uma organização de ajuda fundada pelas igrejas protestantes, na Alemanha, em Berlim no ano de 1959.

9 Disponível em: <http://vihsidamerica.org/gapa-wordpress/apresentacao/?lang=pt>

falar sobre a temática, em região geográfica específica, uma vez que vivencia e atua em realidade considerada “similar”.

O modelo proposto consiste, portanto, em uma relação triangulada no qual uma agência de cooperação internacional do Norte aporta recursos financeiros e técnicos, repassa os recursos a uma OSC do Sul que aporta a sua *expertise* e, assim, beneficiam outras OSC do Eixo Sul em um campo temático específico. Neste sentido, o Gapa-Bahia define o Programa como uma ação de cooperação Sul-Sul, apesar dos aspectos concernentes à relação formalmente constituída entre o Gapa-Bahia e a PPM serem definidas por Reiner Focken-Sonneck¹⁰ (2013) como algo mais próximo ao que é realizado pelos escritórios de assessoria da PPM, contratados para execução de serviços de assessoria técnica.

Esse modelo de contrato tem que ser colocado entre aspas. Formalmente, não contratamos. Formalmente, o Gapa solicitou os recursos para realizar o projeto. [...] Tudo o que fazemos chamamos de cooperação, mas é uma relação distinta, ao menos no caso da “velha” Pão para o Mundo. É uma relação que é muito mais parecida com a nossa relação com certos escritórios, certas empresas de assessoria (Focken-Sonneck, 2013).

Sobre os ganhos com o Programa Focken-Sonneck salienta que eles foram coletivos: o Gapa-Bahia ganhou a possibilidade de multiplicar os seus conhecimentos e as suas experiências, as organizações da sociedade civil dos demais países ganharam uma assessoria e um fórum de intercâmbio com muito mais possibilidades de acesso, e a PPM ganhou um parceiro de cooperação que está muito mais perto da situação da América Latina do que outros assessores que poderia ter na Europa.

Destarte a importância de se transversalizar o HIV/Aids junto a OSC da América Latina e do Caribe, e os ganhos específicos que obtiveram cada uma das organizações ao aprofundar o seu conhecimento neste campo temático, torna-se necessário refletir mais criticamente sobre algumas questões que envolvem essa “relação cooperativa”. No que tange ao Gapa-Bahia, importa registrar que todos os depoimentos¹¹ afirmam a legitimidade da Organização para estar no lugar que ocupou no Programa. No entanto, o novo modelo de relação constituído com a PPM, que confere ao Gapa-Bahia um papel de “intermediário” no processo cooperativo, apesar de lhe conferir um papel ativo na cooperação deixando-o socializar os saberes sistematizados pelos anos de pesquisa e prática comunitária e legitimados pela sua trajetória no campo do HIV/Aids, pode arriscar o seu papel mais militante reduzindo a Organização uma espécie de “prestadora de serviços” para agências da cooperação internacional.

10 Vice Coordenador de Programa para a América Latina da “Pão para o Mundo” (Brot Für Die Welt). Entrevista concedida a autora em 2013.

11 Foram realizadas onze entrevistas com sete diferentes atores para a construção do estudo que originou este trabalho.

O Gapa-Bahia e a relação com a cooperação internacional: novos sentidos na (re) construção do seu papel?

Ao longo de mais de 25 anos, a relação do Gapa-Bahia com as agências da cooperação internacional passou por diferentes momentos, sem que, no entanto, estas perdessem sua importância fundamental na vida organizacional. Com intensidade, durabilidade e recursos disponibilizados das mais diversas ordens, fizeram parte da sua lista de parceiros/financiadores, em tempos diversos, muitas agências da cooperação, dentre as quais: Fundação Ford, Fundação McArthur, *Inter-American Foundation*, *Conservation*, *Food & Health Foundation*, dos Estados Unidos; Igreja Anglicana, do Canadá; Manos Unidas, da Espanha; Misereor, Pão para o Mundo e EED, da Alemanha; Oxfam, *Save the Children* e *Christian Aid*, da Inglaterra; *Norwegian Church Aid*, da Noruega; Icco, Novib e Cordaid, da Holanda; Diaconia, da Suécia; *DanChurchAid*, da Dinamarca; e *Sidaction*, da França.

As relações construídas com as muitas agências alicerçaram, de modos distintos, o que o Gapa-Bahia se tornou, fazendo dos muitos encontros, apoios, debates e conflitos, parte daquilo que a Organização é hoje. Tendo a cooperação como parceira e financiadora o Gapa-Bahia atuou junto a políticas públicas para o campo da Aids no Brasil, fez controle social, contribuiu para mudar a legislação brasileira, atendeu e assistiu milhares de pessoas infectadas e afetadas pelo HIV/Aids, colocou pela primeira vez no Brasil histórias reais de portadores do HIV/Aids nos meios de comunicação de massa, participou de redes, fóruns e conferências nacionais e internacionais, dentre outros.

Sob a influência da cooperação redefiniu o seu quadro político e de gestão, incorporou o trabalho com temas diversos correlacionando-os ao HIV/Aids, e investiu na sistematização de suas práticas e na sua própria constituição enquanto um referente técnico para outras organizações da sociedade civil. Partiu, igualmente, alavancado por agências parceiras da cooperação, para socializar a sua *expertise* para além das fronteiras do Estado brasileiro, constituindo esta experiência como uma prioridade estratégica na compreensão de que, além de fortalecer o campo do desenvolvimento em países do Eixo Sul, de um modo geral, e a luta pela retração da epidemia da Aids, particularmente, estaria consolidando um caminho de construção de alianças e mobilizando recursos financeiros.

A percepção do Gapa-Bahia hoje sobre a relação com a cooperação internacional, no entanto, afirma claramente a consciência de um momento de crise. Aponta-se, neste sentido, que a crise econômica que assolou (e ainda assola) os países do Norte resvalou para os países do Sul, derivando, dentre outros, para a retirada definitiva ou próxima de muitas agências da cooperação que apoiavam projetos de desenvolvimento no Brasil, e ainda para a nova atuação de algumas que, ao invés de trazer recursos dos seus países para aplicar nos projetos das OSC locais, se organizam de modo a poder captar recursos no Brasil, concorrendo neste âmbito, com organizações brasileiras. Neste sentido, o cenário para as OSC brasileiras é bastante desafiador: desafia a própria

continuidade da sociedade civil organizada do Brasil cuja sustentabilidade, em grande parte, esteve historicamente atrelada à cooperação internacional. Aí se encontra o Gapa-Bahia: desafiado a se repensar e a rever as suas estratégias de atuação para que possa continuar existindo.

Os “novos tempos” vivenciados pelo Gapa-Bahia podem ser percebidos em questões objetivas como a venda da sede própria com mudança para uma casa cedida em regime de concessão pelo Estado; a mudança no regime de contratação dos seus colaboradores que passaram de funcionários¹² a prestadores de serviços; a diminuição no número de colaboradores; e, a quase inexistência de parceiros da cooperação. Assim, ao se construir enquanto referente técnico, dispendo-se a sistematizar e socializar a sua *expertise*, o Gapa-Bahia caminha tentando encontrar um novo papel que lhe permita continuar atuante e que lhe proporcione alguma interface com a própria cooperação internacional, buscando construir uma nova forma de dialogar com as agências do Norte, ao tempo em que interage no âmbito de uma cooperação que beneficie o Eixo Sul, reconhecendo que esta estratégia pode colaborar para a construção de conhecimentos mais horizontais entre atores do Eixo Sul-Sul, mas, também, ciente de que aí pode mobilizar recursos para a sua sobrevivência.

Ao assumir um papel de caráter mais técnico e relacionar-se com a cooperação do Norte em uma lógica de “prestação de serviços”, entretanto, pode arriscar um projeto político construído arduamente ao longo dos anos. Ao se dedicar a atuação com os outros países, dando conta de problemáticas externas ao contexto local, enquanto o Brasil possui uma realidade no campo do desenvolvimento e da própria Aids ainda tão demandante, arrisca um afastamento da própria razão da sua existência. Para Nascimento (2013), entretanto, o Gapa-Bahia sempre assumiu, em alguma medida, esse duplo papel: de prestar serviços e atuar politicamente.

Ambos são importantes para a história e a política do Gapa enquanto um ator social trabalhando no campo da Aids. O Gapa nunca deixou de ocupar essas duas esferas, mesmo quando não trabalhava diretamente com o tema da cooperação Sul-Sul. A esfera de oferecer serviços à comunidade no atendimento direto e, ao mesmo tempo, trabalhar na perspectiva de avaliar, sistematizar as suas ações e utilizar dessa sistematização de aprendizados para replicar, seja na produção de manuais, de publicar avaliações e disponibilizar para outras instituições, até o momento que cria cooperação técnica com outras organizações. O Gapa sempre ocupou esses dois papéis: o papel de intervenção direta junto à comunidade e o da assistência técnica (Nascimento, 2013).

Na busca de um equilíbrio de papéis, diante de um cenário em transformação, e convicto da necessidade de continuar a dialogar no âmbito da cooperação internacional, o

12 O Gapa-Bahia, historicamente, mantinha o regime de contratação de funcionários de acordo com as regras da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Gapa-Bahia vai, pouco a pouco, se reorganizando. Encara as mudanças da cooperação como um novo desafio. Não obstante a possibilidade de se reinventar, tão própria das organizações da sociedade civil, a realidade demonstra que, sem o apoio direto da cooperação, o cenário fica, certamente, mais complexo. Talvez vislumbre-se, aí, um novo formato para as OSC no Brasil ou, quem sabe, perca-se definitivamente a sua perspectiva de luta e transformação social. Ao atuar cada vez mais como referente técnico o Gapa-Bahia vai se afirmando em um novo papel, ainda que este não o defina completamente. Os riscos dessa nova configuração passam pela instrumentalização da Organização e pela sua cooptação, visto que, na medida em que caminha para o fortalecimento do seu papel técnico arrisca a dimensão política da sua existência, ainda que estes sentidos possam se misturar.

As mudanças na cooperação internacional transformaram e seguem transformando o papel que o Gapa-Bahia constrói para si, deixando na história desta Organização, marcas daquilo que foi a cooperação internacional, daquilo que ela é hoje e daquilo que talvez jamais volte a ser novamente. Essas mudanças impactaram e seguem impactando não somente o “olhar” do Gapa-Bahia para o campo do desenvolvimento, de um modo geral, e para a epidemia da Aids, especificamente, mas, também, os contornos do seu modelo organizacional, a sua forma de atuação, e a sua existência em si. Nesta perspectiva, novos caminhos parecem inevitavelmente estar se delineando, na medida em que o Gapa-Bahia reconfigura o seu papel e, assim, o sentido da sua existência.

Referências

- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE (2001): *Aids e sustentabilidade: sobre as ações das organizações da sociedade civil brasileira*, Coordenação Nacional de DST e Aids/Secretaria de Políticas de Saúde, Brasília.
- GRUPO DE APOIO À PREVENÇÃO À AIDS DA BAHIA (1988): “Estatuto”, Gapa-Ba, Salvador.
- (2003): *Programa institucional: triênio 2003/2005*, Gapa-Ba, Mimeo, Salvador.
- (2012): *Relatório Narrativo Anual*, Gapa-Ba, Mimeo, Salvador.
- (2013): *Relatório Narrativo (2011-2012)*, Programa “Transversalizando Hiv/Aids: Uma Construção Coletiva com Ong’s Contrapartes de Pão Para o Mundo na América Latina e Caribe”. Gapa-Ba, Mimeo, Salvador.
- MARINHO, M. C. (2013): *Entrevista concedida a la autora*.
- NASCIMENTO, H. H. do (2007): *Relações internacionais e cooperação norte-sul: impacto das agências não governamentais de cooperação internacional no sistema de gestão das organizações da sociedade civil no estado da Bahia*, UFBA, Mimeo, Salvador.
- (2013): *Entrevista concedida a la autora*.
- FOCKEN-SONNECK, R. (2013): *Entrevista concedida a la autora*.
- SIQUEIRA SANTOS, T. da C. e S. (2005): *As diferentes dimensões da sustentabilidade em uma organização da sociedade civil brasileira: o caso do Gapa-Bahia*, dissertação

de Mestrado, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponible en http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/dissertacao_tacilla.pdf

- (2014): *Entre o Norte e o Sul: um estudo sobre o papel das organizações da sociedade civil brasileira na cooperação internacional para o desenvolvimento*, Tese de Doutorado, Escola de Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponible en http://www.adm.ufba.br/sites/default/files/publicacao/arquivo/tese_final_9_abril.pdf